



ENTREVISTA

Profa. Dra. Hella Olbertz

OS DESAFIOS DO ESTUDO EM LINGUÍSTICA

Profa. Dra. Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini¹

Quem é Hella Olbertz e como sua trajetória acadêmica-profissional tem sido construída?

Entre os anos 1971 e 1977 estudei Filologia Inglesa e Espanhola nas universidades de Bonn e Göttingen (Alemanha) para lecionar no ensino médio. Trabalhei no ensino médio até o verão de 1980, ano em que me mudei para Amsterdã para estar perto de meu namorado holandês, hoje meu marido. Ali voltei a dar aulas de espanhol. Paralelamente ao trabalho, cursei Língua Alemã para o professorado no ensino fundamental e, terminada esta etapa, voltei para o espanhol, interessando-me desta vez pela linguística. Depois de terminar o mestrado na Universidade de Amsterdã, ganhei uma bolsa de doutorado e, em maio de 1996, defendi minha tese sobre as perífrases verbais espanholas a partir do arcabouço da Gramática Funcional do catedrático holandês Simon Dik. A tese foi publicada como livro pela editorial Mouton de Gruyter em 1998. Depois do doutorado, colaborei primeiro em um projeto de linguística aplicada à computação na Universidade de Tilburg, no sul da Holanda, e logo fui nomeada professora adjunta por quatro anos no Departamento de Estudos Latino-americanos da Universidade de Leiden (perto de Amsterdã). Foi ali que entrei pela primeira vez em contato com o português. Passados esses quatro anos, comecei a coeditar a *Linguistic Bibliography*, uma bibliografia de publicações linguísticas em todo o mundo, sobre todas as línguas do mundo (vivas, mortas e ameaçadas) e escritas em todas as línguas do mundo. Obviamente foi nesse trabalho que desenvolvi um grande interesse pela variação tipológica entre as línguas do mundo. Paralelamente, trabalhei como pesquisadora e, logo, como professora na Universidade de Amsterdã, onde presenciei o desenvolvimento da Gramática Discursivo-Funcional por Kees Hengeveld, aluno e sucessor do falecido Simon Dik. A partir do ano 2010 fui coordenadora do grupo de pesquisa em Gramática Discursivo-Funcional, mas deixei meus trabalhos na Holanda para aceitar um convite como professora visitante na Universidade Estadual Paulista (UNESP) em São José do Rio Preto (SP), em 2014. Ao voltar à Holanda por uma breve temporada, assumi a secretaria da Fundação de Gramática

¹ Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). E-mail: jocienebf@gmail.com.



Discursivo-Funcional e iniciei, junto com Kees Hengeveld, um projeto de tipologia linguística na ALFAL, que se ocupa das línguas faladas (e de sinais) na América do Sul. No mês de janeiro de 2017 fui para Salvador para trabalhar como professora visitante na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde estou agora.

De onde se iniciou o interesse pelos Estudos Linguísticos e pela Gramática Discursivo-Funcional?

Talvez seja melhor começar explicando de onde não iniciou. Quando comecei a estudar (na Universidade de Bonn), falaram-nos de Ferdinand de Saussure, do estruturalismo e de Bloomfield, passando logo para Chomsky. Aí eu percebi que a linguística era algo muito chato e que seguramente não tinha nada a ver com a gramática que eu tanto adorava. A situação mudou quando estudei na Universidade de Amsterdã. As aulas obrigatórias de linguística se ocupavam da língua em si (no meu caso do espanhol), da sua estrutura fonológica, sintática e semântica, sem passar por nomes de linguistas importantes, mas deixando a língua mesma mostrar a relevância do seu estudo. Também adorei a linguística geral, onde se ilustravam, de novo, a partir de dados autênticos, as diferentes disciplinas da linguística. Ali cheguei a me interessar inclusive pela gramática gerativa. Mas quando conheci os trabalhos de Simon Dik, achei que isso era o mais bonito e interessante que existia: olhar pela língua em seu uso real ao invés de abstraí-lo e estudá-la a partir de estruturas mentais cuja existência real é duvidosa.

Quais os temas e pesquisas recentes que a senhora tem se dedicado? Como elas contribuem para o campo acadêmico?

A partir de 2012, trabalhei principalmente com as perífrases modais no espanhol e, em colaboração com Marize Dall'Aglio Hattner, no português, do ponto de vista sincrônico e diacrônico. Também realizei com um colega holandês, Wim Honselaar, dois estudos sobre os verbos modais holandeses e colaborei com Olga Fischer em um estudo comparativo diacrônico sobre o inglês *have to* e o espanhol *tener que* (que tem uma sobreposição grande mas não completa com o português *ter que*). Em praticamente todos esses trabalhos usamos a Gramática Discursivo-Funcional que é, ainda mais rigorosamente que a Gramática Funcional de Simon Dik, baseada no uso da língua, mas ao mesmo tempo, tem uma metalinguagem



clara e formalizada, que ajuda a incrementar o conhecimento que temos de qualquer estrutura linguística.

Fale sobre a importância de se estudar línguas e culturas distintas.

Na UEFS ofereço um curso de leitura em inglês online para os estudantes de linguística. Acho que é muito importante que os linguistas saibam ler textos em inglês. Os pesquisadores e estudantes que só leem em português perdem muito, pois a maioria dos trabalhos em linguística estão escritos em inglês. Sem o conhecimento da língua inglesa, eles não terão o conhecimento necessário para trabalhar como linguista fora do país. Ressalto ainda que é importante poder sair do país e conhecer outros países, porque significa um enriquecimento pessoal enorme. Claro que é possível ler sobre outros países e se comunicar por meio das redes sociais ou da internet em outro idioma, mas não é igual viver e estar em outro país, já que só assim podem se superar os preconceitos e o medo do desconhecido. Dessa maneira, a gente pode valorizar o que se tem no Brasil, enxergar tanto os aspectos positivos como os negativos.

Por que o interesse em estudar o português e lecionar no Brasil?

Começou, naturalmente, com o convite pela UNESP de São José do Rio Preto. Já tinha aprendido português antes, mas obviamente ainda não falava muito bem, nem entendia tudo. No entanto, tanto meus colegas como os estudantes foram muito pacientes comigo. Dei um curso na pós-graduação sobre Gramática Discursivo-Funcional, uma disciplina que já tinha lecionado várias vezes na Holanda, e fiquei muito contente com o interesse dos estudantes brasileiros nesta matéria e o tratamento simpático e amoroso que recebi deles. Quanta diferença com minhas experiências na Universidade de Amsterdã! Em geral, a cordialidade dos brasileiros é excepcional. Os holandeses e alemães são muito mais distantes e sobretudo não riem tanto como os brasileiros. Assim, é simplesmente muito satisfatório dar aula para estudantes brasileiros.



Conte-nos sobre as experiências que vem desenvolvendo no Brasil como professora visitante da UEFS.

No que diz respeito aos estudantes, posso repetir o que falei anteriormente, são muito simpáticos e alegres. Atualmente, trabalho na graduação e na Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Nesse semestre, estou lecionando inglês na graduação, por não haver professores suficientes nesta área. Depois de me ter acostumado ao fato de os estudantes entrarem e saírem da sala de aula a qualquer momento, acho gostoso mesmo! Um dos problemas que enfrento é a burocracia. Os colegas brasileiros também acham chato, mas eles, pelo menos, entendem o que significam as múltiplas abreviações que caracterizam qualquer contato com a administração universitária. Mesmo assim, sobrevivo bem justamente por poder contar com a ajuda dos colegas, principalmente de Josane Oliveira e Silvana Araújo e da diretora do Departamento de Letras e Artes, Flávia Aninger.

Conte-nos sobre suas pesquisas com o português do Brasil.

Ultimamente tenho me interessado pelo aspecto verbal perifrástico no português. A partir do meu conhecimento das perífrases espanholas, é muito interessante estudar as diferenças entre as duas línguas nesse campo. Por um lado é curioso, em comparação com o espanhol, o uso das perífrases de gerúndio com *estar* no português brasileiro, pois aparece em contextos bem diferentes, por exemplo, *estou sabendo* é uma expressão curiosíssima para mim. Porém, nesse momento, estou escrevendo um artigo sobre um assunto diferente, embora relacionado, que é o perfeito composto no português do Brasil, que estudo tanto do ponto de vista sincrônico como diacrônico. É um tema realmente fascinante, e, apesar de haver já alguns estudos sobre o tema, parece que ainda há muito por descobrir ali.

Outra questão que tenho pesquisado é a “perda do sujeito nulo” no português brasileiro, que é um tema bastante estudado do ponto de vista gerativo e variacionista. No Brasil, Maria Eugênia Duarte, Mary Kato e os colaboradores delas tem escrito sobre esse tema em numerosas publicações. Baseando-me nos trabalhos gerativos e nas minhas próprias pesquisas, analiso o problema desde uma perspectiva tipológica mais ampla, ou seja, em comparação com outras línguas dentro e fora do domínio neolatino, próprio da abordagem discursivo-funcional. A ideia é que, dessa maneira, podem se encontrar novos esclarecimentos dessa mudança linguística em andamento.



Como você avalia a sua participação no Gelco 2017?

Por ser um congresso de temática tão ampla, tive a oportunidade de ouvir apresentações muito interessantes sobre outros temas além da minha área de atuação. Participei de duas mesas redondas, uma sobre as línguas indígenas brasileiras e outra sobre o ensino do inglês; gostei muito das duas e aprendi bastante. O congresso foi muito bem organizado e a gente recebeu todo tipo de apoio, tanto pela organizadora, Lennie Bertoque, como dos que ajudaram na organização, entre eles o Evandro, o Victor, a Amanda, além da própria presidenta do Gelco, Vânia Casseb-Galvão.

Discorra sobre sua trajetória profissional.

Tenho Licenciatura em Filologia Inglesa e Espanhola pela Universidade de Göttingen (Alemanha) (1977) e graduação em Língua Alemã pela *Stichting Vrije Leergangen* em Amsterdã (1983). Obtive o título de mestre em Linguística Espanhola pela Universidade de Amsterdã em 1988. Nessa mesma universidade, concluí o doutorado em Linguística, em 1996. De 2010 a 2014, fui coordenadora do Grupo de Pesquisa de Gramática Discursivo-Funcional na Universidade de Amsterdã, e sou secretária da Fundação de Gramática Discursivo-Funcional desde 2015. Coordeno, em colaboração com Kees Hengeveld, o Projeto de Tipologia Linguística dentro da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL). Fui professora visitante na Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP em São José do Rio Preto entre 2014 e 2015. Agora sou professora visitante da UEFS, onde desenvolvo atividades de ensino, pesquisa e orientação na Graduação e Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.